



TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Irã minimiza impacto de ataque israelense

Nenhuma autoridade de Teerã ou de Tel Aviv comentou oficialmente as explosões que sacudiram o centro da República Islâmica. Fontes iranianas se apressaram em dizer que não houve feridos ou danos. ONU e G7 pedem moderação

Foi uma sexta-feira como qualquer outra na vida dos iranianos. Nem parecia que, na madrugada, o centro do país havia sido abalado por explosões atribuídas a represálias israelenses pelo ataque do último fim de semana. Na cidade histórica de Isfahan, um dos alvos da contraofensiva, a população aproveitou o dia de descanso semanal em parques e mercados, sem aparentar preocupação. Da mesma forma se comportaram as autoridades da República Islâmica, que minimizaram o episódio, enquanto ONU, G7 e países do Ocidente renovaram os pedidos de moderação no Oriente Médio para evitar uma escalada de violência.

As autoridades e a imprensa estatal classificaram o ocorrido como um incidente. Sem acusar diretamente Israel, que também não reivindicou a operação, afirmaram que as explosões estavam relacionadas à destruição pela defesa antiaérea de “objetos suspeitos” que voavam perto de uma base militar da terceira maior cidade do país.

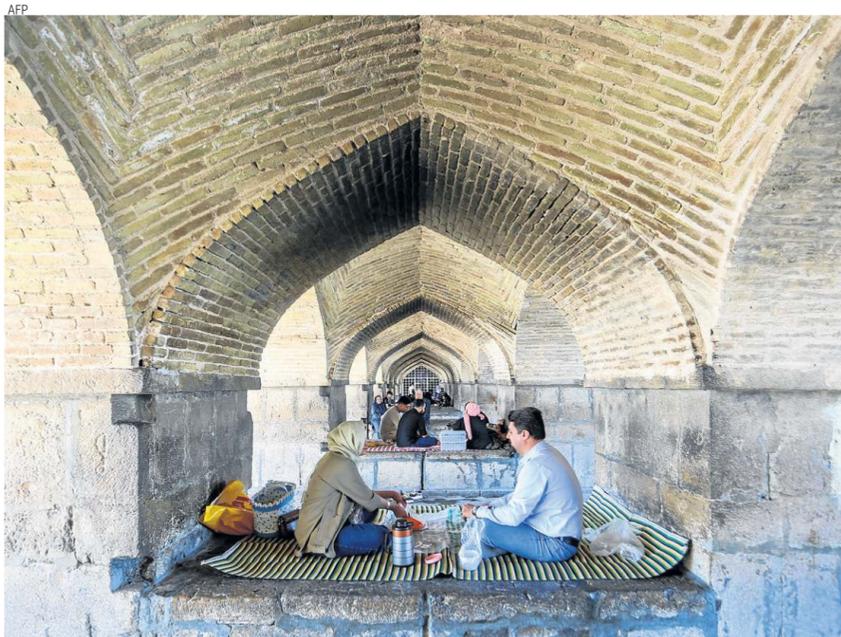
Não foram relatados danos nem feridos. Além disso, fontes de Teerã se apressaram em dizer que o episódio não envolveu mísseis e que as instalações nucleares do país estavam seguras.

Silêncio

O “incidente” sequer foi mencionado pelo presidente Ebrahim Raisi no discurso que fez durante uma viagem por uma província do nordeste. O tráfego aéreo, suspenso após as explosões, foi restabelecido rapidamente, e vários aeroportos retomaram suas operações após um breve fechamento.

A imprensa norte-americana, citando fontes do governo Biden, reportou que a ação foi uma resposta ao ataque sem precedentes lançado por Teerã contra o território israelense. Segundo o jornal *The New York Times*, que citou funcionários do alto escalão iraniano, o ataque foi realizado com drones pequenos que, provavelmente, foram lançados de dentro do território iraniano.

Por sua vez, o *The Washington Post* mencionou um alto funcionário israelense que falou sob condição de anonimato e que disse que a ação tinha como objetivo mostrar a Teerã que Tel Aviv pode alcançar o interior do país. A agência de notícias iraniana Fars relatou “três explosões” perto da base militar em Qahjavarestan, entre Isfahan e o



Iranianos fazem piquenique sob a ponte Si-o-Se Pol, na cidade histórica de Isfahan: rotina inalterada

aeroporto. “Não temos nenhum comentário por enquanto”, disse um porta-voz do Exército israelense à agência France Presse. O secretário-geral da ONU,

António Guterres, pediu a interrupção do “perigoso ciclo de retaliação no Oriente Médio”. O ministro italiano das Relações Exteriores, Antonio Tajani, que

presidiu uma reunião de seus colegas do G7 na ilha de Capri, também pediu moderação.

Tajani indicou que os Estados Unidos, principal aliado de

Israel, foram “informados no último minuto” do ataque, sem precisar por quem. O secretário de Estado americano, Antony Blinken, presente em Capri, limitou-se a dizer que os EUA “não participaram de nenhuma operação ofensiva” e destacou que o objetivo de seu país e de outros membros do G7 é uma “desescalada”.

Para analistas, o ataque limitado ao Irã sugere que os dois arqui-inimigos poderiam procurar mesmo uma desescalada, apesar das relações inflamadas. “Parece que estamos em um ponto em que ambos os lados procuram romper o atual ciclo de escalada, com Israel executando um ataque muito limitado para demonstrar que respondeu aos ataques iranianos, e Teerã rapidamente minimizando o incidente para não ser forçado a responder”, analisou Julien Barnes-Dacey, do Conselho Europeu de Relações Internacionais, um think tank.

Hasni Abidi, do Centro de Estudos e Pesquisa sobre o Mundo Árabe e Mediterrâneo, com sede em Genebra, sublinhou que os ataques iranianos e israelenses foram “quase simétricos”, o que poderá levá-los a pensar que podem deixar por isso mesmo.

JULGAMENTO DE TRUMP

Homem ateia fogo ao próprio corpo

Uma tragédia marcou o quinto dia de julgamento do ex-presidente Donald Trump, em Nova York. Um homem ateou fogo ao próprio corpo do lado de fora da Suprema Corte de Manhattan, onde o juiz Juan Merchan concluiu o processo de seleção do júri que decidirá o destino do magnata republicano, acusado de ocultar pagamento de suborno a uma ex-atriz pornô.

Não ficou explícito se o

incidente teve alguma relação com o julgamento de Trump. Policiais indicaram que o homem se encontra em estado crítico. Ele carregava panfletos de teorias conspiratórias sobre fraude em investimentos.

Uma testemunha, que se apresentou como Davem, 73 anos, contou à agência France Presse (AFP) que viu o homem jogar papéis ao ar antes de abrir um recipiente, derramar o

conteúdo sobre seu corpo e atear fogo a si mesmo.

A imolação ocorreu em um estacionamento em frente ao tribunal, diante do qual as autoridades montaram grades para organizar os manifestantes favoráveis e contrários a Trump, e também alguns veículos de imprensa.

A seleção dos 12 titulares e seis suplentes que vão julgar o magnata tinha acabado de terminar quando emissoras de televisão

começaram a transmitir ao vivo imagens de fumaça saindo do que reportava ser uma pessoa em chamas.

A partir de segunda-feira, os argumentos de abertura do julgamento poderão começar. Ontem, ao chegar no tribunal, Trump criticou a ordem que o impede de atacar testemunhas, promotores e familiares dos membros do tribunal. “O juiz tem que retirar esta ordem de mordada.”



Policiais e peritos no local da imolação, em frente ao tribunal

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Enviado de Lula em campo minado

O assessor especial do Plano para assuntos internacionais, Celso Amorim, parte para a Europa na semana que se inicia, ao encontro de interlocutores de alguns dos principais envolvidos na sucessão de crises que tornam o mundo, quase a cada dia, um perigoso campo minado. O chanceler dos dois primeiros governos de Lula participa, em Moscou, de uma reunião de assessores de segurança do Brics. Fará escalas também na França e Alemanha.

Na capital da Rússia, que se movimenta na ofensiva em sua

guerra na Ucrânia, o enviado brasileiro terá à mesa representantes, entre outros, de Irã e Arábia Saudita, peças-chave da crise em escalada no Oriente Médio. A troca recente de ataques entre a República Islâmica e Israel coloca a região à beira do precipício, como definiu o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, em reunião extraordinária do Conselho de Segurança.

A ação militar israelense contra o movimento palestino Hamas, na Faixa de Gaza, consta da pauta do encontro em Moscou, com as atenções voltadas

especialmente para o potencial explosivo de uma incursão militar na cidade de Rafah, onde estão encerrados centenas de civis desalojados pelo conflito iniciado em outubro passado, com o ataque do Hamas a Israel.

Dança às escuras

O intervalo de uma semana desde a última Conexão foi o bastante para dissipar qualquer dúvida sobre o perigo de uma guerra aberta e generalizada no Oriente Médio. Ainda na noite de sábado (dia 13), entrando pela madrugada de domingo no fuso horário da região, o Irã disparou mais de 300 drones e mísseis e fez seu primeiro ataque direto — e oficialmente anunciado — ao território israelense. Uma resposta pode ter vindo na madrugada de ontem, com explosões registradas em Isfahan, terceira maior cidade iraniana.

Com os acontecimentos ainda em desenvolvimento, sem direções previsíveis, alguns traços importantes podem ser lidos nas entrelinhas. Formam um desenho ainda em esboço, com a aparência de uma espécie de coreografia às cegas.

A ação do regime islâmico foi anunciada publicamente, inclusive na ONU, horas antes que os projéteis chegassem ao alvo. Nenhuma surpresa que Israel tenha anunciado, depois, que sua defesa antiaérea abateu 99% dos artefatos — embora tenham sido noticiados impactos em duas bases aéreas e um centro de inteligência. O governo israelense não se pronunciou sobre a suposta retaliação contra Isfahan, enquanto Teerã informou apenas ter abatido três drones — embora a mídia dos EUA cite fontes de Washington, segundo as quais ao menos um míssil

teria atingido uma base militar.

Até este ponto, portanto, os dois arquirrivais de quatro décadas exploram mares desconhecidos — para eles e para os demais. A Casa Branca, os governos europeus e os vizinhos prendem o fôlego e se debatem sobre telas e pranchetas, num esforço concentrado de análise e — na medida do possível — alguma precaução. E, naturalmente, colocam a diplomacia em campo, cada qual segundo as próprias urgências e capacidades.

Bloco do “eu sozinho”

Com a situação em Gaza temporariamente ofuscada, uma iniciativa da Argélia trouxe de volta ao noticiário a questão palestina, embora o recurso tenha sido uma missão aparentemente “suicida”, como a dos drones iranianos. Mas apenas na aparência.

A missão argelina na ONU levou a votação no Conselho de Segurança (CS) a proposta de que a Palestina seja admitida como membro pleno das Nações Unidas — desde 2012, ela ocupa uma cadeira como membro observador.

A proposta, que já tinha sido defendida por Brasil e Colômbia, teve os votos favoráveis de 12 dos 15 integrantes do Conselho, mais do que os nove requeridos para que fosse levada à Assembleia Geral — onde seria aprovada com folga, já que 140 dos 193 países-membros (inclusive o Brasil) já reconhecem a Palestina como Estado soberano. Reino Unido e Suíça se abstiveram, mas os EUA usaram o poder de veto, privilégio dos cinco membros permanentes do CS, e derubaram a proposta com um solitário voto em contra.